



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Tecer o rio: a potência poética para pensar o [como]

Lígia Helena de Almeida  
Vanessa Tatiana Azeñas Mallea

### Para citar este artigo:

ALMEIDA, Lígia Helena de; MALLEA, Vanessa Tatiane Azeñas  
Tecer o rio: a potência poética para pensar o [como].  
**Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas,  
Florianópolis, v. 1, n. 54, abr. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573101542025e302

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

## Tecer o rio: a potência poética para pensar o [como]<sup>1</sup>

Lígia Helena de Almeida<sup>2</sup>  
Vanessa Tatiana Azeñas Mallea<sup>3</sup>

### Resumo

O texto apresenta um relato da participação das pesquisadoras como ministrantes da oficina “Tecer o rio: brincadeiras para corpos que escrevem”, durante o IV Fórum Brecht e Educação. Partindo do pressuposto da pesquisa qualitativa crítica e radicalmente qualitativa, ambas propuseram um encontro, intervenções e performances no decorrer do Fórum, com a pretensão de voltar o olhar para o ato de pesquisar em si, reconhecer o caminho que constrói o [como] pesquisamos, quem somos e quais os fundamentos que nos fazem tecer as costuras e escolher os fluxos de nossas escritas. Em consonância com o Fórum, a experiência se perguntou sobre a trajetória que figura nossos corpos em corpos políticos.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Metodologias. Axiologia. Jiwasa.

## Weaving the river: the poetic power to think about [how]

### Abstract

The text presents an account of the researchers' participation as lecturers in the workshop “Weaving the river: games for bodies that write” during the IV Brecht and Education Forum. Starting from the assumption of critical qualitative and radically qualitative research, both proposed a meeting, interventions and performances during the Forum, that intended to turn our gaze to the act of research itself, consider the path we build, [how] we research, who we are and what are the foundations that make us weave the seams and choose the flows of our writings. In line with the Forum, the experience questions the trajectory that our bodies figure in political bodies.

**Keywords:** Research. Methodologies. Axiology. Jiwasa.

## Tejiendo el río: el poder poético de pensar [cómo]

### Resumen

El texto presenta un relato de la participación de las investigadoras como disertantes en el taller “Tejiendo el río: juegos para cuerpos que escriben” durante el IV Foro Brecht y la Educación. A partir del presupuesto de una investigación crítica cualitativa y radicalmente cualitativa, ambas propusieron un encuentro, intervenciones y performances durante el Foro, pretendieron volver las miradas hacia el propio acto de investigar, considerar el camino que construimos, cómo investigamos, quiénes somos y cuáles son los fundamentos que nos hacen tejer las costuras y elegir los flujos de nuestras escrituras. En línea con el Foro, la experiencia cuestionó la trayectoria que nuestros cuerpos figuran en los cuerpos políticos.

**Palabras clave:** Investigación. Metodologías. Axiología. Jiwasa.

1 Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Ma. Mayra Martins Guanaes. Doutoranda em Letras pelo Programa de Língua Espanhola, Literatura Espanhola e Hispano-Americana (USP). Mestrado em Letras (UNIFESP). Bacharelado e licenciatura em Português e Espanhol (UNIFESP).

2 Doutoranda em Mudança Social e Participação Política pela USP. Mestrado em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP) - (Apoio CAPES). Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo. Atriz pela Escola Livre de Teatro de Santo André.

 ligiahalmeida@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/0725825887957528>  <https://orcid.org/0009-0003-1061-1550>

3 Doutoranda em Mudança Social e Participação Política na Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Direitos Humanos e Democratização na América Latina e Caribe (UNSAM- Argentina). Especialista em Gestão de Projetos Culturais pela USP. Diplomada em Feminismos Comunitários Camponeses e Populares em Abya Yala (UNJuy – Argentina) e em Organização de Aulas e Administração Pedagógica (UMSA Bolívia). Licenciada em Ciências da Comunicação (UCB Bolívia).

 tatiana.azen@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/8303995079166262>  <https://orcid.org/0009-0004-7453-8994>

Durante o IV Fórum Brecht e Educação, duas pesquisadoras se uniram em suas perguntas e desejos em torno de fluir, tecer, resistir, existir e escrever com o corpo. Lígia Helena investiga as adolescências periféricas e o ensino do teatro, utilizando a metáfora do rio, já que são temas muito grandes para serem navegados com pressa. Também aposta no afeto como uma experiência que se dá no centro de existências que desejam encontrar-se.

Tatiana Azeñas investiga migrações e maternidades como duas experiências que se atravessam e propõe abordá-las a partir da possibilidade de encontrar grafias artísticas próprias e coletivas que permitam narrar as rotas de migrar e poder chamá-las migratografias. A aposta é pela metáfora do tecido, como metáfora do que se faz enquanto se caminha, com um fio daqui e outro de lá, *un tejido mezclado, ch'ixi* (Rivera Cusicanqui, 2020), habitantes das fronteiras, físicas e internas: ser mãe, mulher, migrante, ser humana, habitar um corpo andino numa urbe paulista, na selva de asfalto.

Assim, no seio do Grupo Ecoar - Grupo de Estudo e Pesquisa em Corpo e Arte da EACH-USP, elas se reconheceram e começaram a intercambiar reflexões, sonhos de investigação e de vida, áudios longos e entusiasmados com o som ao fundo da linha de metrô, do ruído das ruas, dos filhos brincando, panelas batendo, porque o cotidiano e o acadêmico não estão separados, e elas sabem disso muito bem, e por isso habitam esta conexão, na medida do possível.

Juntas, trocaram sobre os modos, os [como] e os [como] não: conspiraram metáforas, bonitezas, perguntas sem respostas, rios, tecidos e, claro, afetos. Encontraram fios comuns: a escrita de mulheres, a linguagem indomável, o teatro, o corpo, o afeto, a maternidade, a luta social, a arte e a pesquisa.

Um dia Lígia recebeu o convite de Marcelo Gianini, um querido professor, destes professores que sabem marcar nossas vidas com suas trajetórias e suas práticas. Ele a convocava a participar do IV Fórum Brecht e Educação que naquele ano ele e uma grande equipe receberiam na UFAL, em Alagoas. Lígia decidiu tecer este rio com Tati, e desta forma estes fios que se juntavam começaram a criar um afluente.



Colocaram no centro do tecido uma inquietude: realmente é possível pensar coletivamente? Quando nos juntamos em torno de um evento, seja este científico, político, artístico, ou as três coisas de uma vez, como fluímos para alcançar que nossas formas de sentir e pensar de fato se convertam e entrem em diálogo? Neste desejo de encontro, qual papel jogam nossos corpos? Como colocamos nossos pensamentos para serem tecidos uns com os outros? Escrevemos, desenhamos com o corpo? Pensamos de fato em como pensamos? E a escuta do que o/a/e outro pensa e sente? Como a levamos adiante? Com que parte do corpo escutamos? Onde e com quem aprendemos (ou não) a escutar?

Como desenhar os processos dos pensamentos coletivos que se tecem na medida em que nos colocamos à disposição para estarmos em relação com outras pessoas? Se em suas investigações individuais as pesquisadoras se interrogam sobre como se organiza o processo do pensamento de cada uma delas, aqui a reflexão gira em torno de como o que pensamos se entrelaça com os *senti-pensares*, formando um tecido coletivo que fluirá para sustentar e reafirmar a possibilidade de mudança social concreta. Importante grifar que a referência em pensar como pensamos e buscar esta pergunta no processo de pesquisa em si se dá em perguntas já apontadas antes pela orientação da Profa. Dra. Marília Velardi (2018, p. 48):

Como eu penso quando me proponho a lembrar um processo ou experiência que vivi? Como EU penso? Como dizem para eu pensar? Rompo ou aceito? E quando penso, observo e descrevo um processo artístico ou pedagógico que estou (vi)vendo, como descrevo e escrevo? Atuo na escrita? Permito erigir uma escrita atuada, performática? Ou atuo conforme as regras de escrita do tipo: nunca em primeira pessoa, seja impessoal!

Pensando desses modos, o que é possível? Ver? Enxergar? Compreender? Analisar? Narrar? Sintetizar? Repare: o verbo vem depois: a ação é consequência...objetivo da ação é consequência do pensamento. Mas e o pensamento? Muitas vezes vem depois da imersão, da vida, da experiência corporificada, vivida ou encarnada. Sabemos disso. Sabemos?

Provocadas por essas inquietudes em torno do Fórum, idealizaram uma oficina em três momentos que denominaram “Tecer o rio: brincadeiras para corpos que escrevem” e “Tecer o rio: jogos para corpos que escrevem”. Assim, foi elaborada uma pergunta central da oficina provocativa: Quem somos nós que

escrevemos? Em que medida acreditamos que podemos modificar nossos territórios, tecer laços, formar rios?

Seguem agora relatos de como foram pensados, vividos e sentidos, desde a perspectiva provocadora, cada um dos momentos propostos:

### Oficina/taller

Figura 1 - Registro dos objetos apresentados durante a oficina.<sup>4</sup>  
(Acervo pessoal das autoras, 2024)



Durante a oficina, os participantes foram convidados a mover as bacias (do corpo) como se fossem vasilhas de água - apelando à polissemia da palavra bacia. Depois, cada participante foi convidado a coreografar o seu fluir individual para, pouco a pouco, costurar um tecido/cardume, ecos de corpos que fluem da escuta, em maior ou menor medida.

A relação com a água deixou transparecer desejos e dores em uma cidade onde, por um crime ambiental, cinco bairros inteiros foram desabitados ao risco de que os moradores pudessem morrer sob os escombros de uma tragédia anunciada, cuja causa tem nome, sobrenome e muito lucro por detrás: a empresa

<sup>4</sup> Desde materialidades objetivas - como canetas, canetinhas, papéis, cola e tesoura, até os mais subjetivos, como um pano-rio e objetos de memória afetiva para as ministrantes, como um Aguayo trazido da Bolívia por Tati ou um amigurumi em formato de Leão enviado pelo filho de Lígia para dar sorte na viagem à Maceió.



Braskem, que tirou o lago e a casa de milhares de famílias, em que muitos morreram de ataque cardíaco pela dor de ficar, de um dia para o outro, sem nada. Hoje estes bairros são testemunhos fantasmas de um crime pelo qual ninguém responde.

Com esta marca da água fazendo eco nos participantes, iniciou-se a leitura de um texto de Clarice Lispector que apresenta esta pergunta: “Se você fosse você, como seria e o que faria?”.

O uso deste texto como referência para pensar a pesquisa acadêmica não vem destas pesquisadoras, mas de anos antes, por outras pesquisadoras do Grupo Ecoar que se debruçaram artisticamente sobre este texto e se perguntaram: “Se você fosse você na pesquisa acadêmica, quem você seria?” (Longano; Anjos; Silveira, Velardi, Matsuo, Nogueira e O’Keffe, 2021).

Aqui, na retomada deste texto/pergunta no IV Fórum Brecht e Educação, foi sugerido aos participantes que se movessem para a escrita de uma carta, uma carta que teria a enorme missão de responder a pergunta para a qual o texto de Clarice nos mobiliza. Cada um sentou-se em um canto da sala, com a pele tocando o piso fresco de madeira, tentando encontrar a resposta, e, pouco a pouco, deixando fluir as sensações,

Se eu fosse eu?

Si yo fuera yo?

Depois da escrita da carta, outra provocação foi tecida, a de lançar a carta ao mar como se fosse uma mensagem em uma garrafa: considerando que existem casos de mensagens em garrafas que datam de mais de 100 anos, lançar uma mensagem ao mar é um ato de confiança no fluir das águas. No chão, tecidos azuis, os mesmos com os quais cada um e cada uma havia fluído com suas águas, agora recebem as mensagens, as vestem. É pedido a eles que recorram a uma das cartas deixadas no tecido/rio ao azar (ou à sorte), uma que não seja a própria, que a leiam, e em seguida, correspondam à correspondência.

Leitura, música de fundo, silêncio, escrita.

Quando todas as cartas-resposta estão prontas, cada um se transforma em

carteiro, busca o remetente e não apenas entrega a carta, como também a lê. Sussurros, ouvidos abertos, lágrimas, risadas, cumplicidade, gargalhadas, choro, abraço, calma. O rio foi tecido.

Figura 2 - Registro do momento de construção de um poema coletivo.  
(Acervo pessoal das autoras, 2024)



Um último momento da oficina é então proposto: inspirado nas intervenções de uma das participantes do Grupo ECOAR, Luiza de Freitas, psicóloga e poeta que investiga as poéticas do cuidado, e que sugere intervenções com colagens de palavras, recortes de textos, somados a devires de escrita individuais e coletivos inspirados na obra de Lygia Clark, sugere-se aos participantes um ato de intervenção nas cartas recebidas - cortes e trechos escolhidos, colagens, aleatórios ou não, recortes em curvas, figuras e palavras escritas, em uma papel azul, pela escuta coletiva em seu ir e vir da pergunta de Clarice “*Se eu fosse eu...*” - surgiu um poema rio.

Luiza Freitas faz esta intervenção poética a partir da pergunta “Tem poesia na pesquisa?”. Diante do poema que surge, da soma de pensamentos em torno da pergunta sobre se pode o pesquisador, a pesquisadora, ser ele/ela próprio/a na academia, em sua pesquisa, aponta-se uma resposta para Luiza: sim, tem poesia na pesquisa.

## Intervenção/ Intervenciones

Nos corredores de um Fórum habitado por corpos teatrais, teatros, diferentes, sorridentes, apurados, cansados, várias coisas convidam a quem passa a parar. Apresentações performáticas, pinturas, instalações. Uma delas em especial garantiu o cuidado com os e as participantes do Fórum: os cafés servidos nas tardes pela companheira do Prof. Marcelo Gianini, Paula Bombonatti, que se dispôs, pelo bem estar da comunidade pesquisadora que se formou naqueles dias, a servir lanches sortidos com frutas, bolos, pãezinhos e muito afeto.

Outra intervenção foi aquela tecida com tecidos azuis e o poema-rio elaborado coletivamente durante a oficina, deixando mais folhas azuis, canetas e canetinhas para que outras pessoas, que não tivessem participado da oficina, pudessem interferir, partilhando pela palavra escrita as memórias e percepções dos encontros gerados no Fórum. As pessoas se aproximavam para ler, algumas para escrever, algo mais para somar no tecido deste rio.

Figura 3 - Acervo pessoal das autoras, 2024



Já outra intervenção, esta mais silenciosa, foi proposta durante o cabaré de encerramento organizado pelos alunos da graduação em teatro da UFAL, fazendo circular entre o público que assistia às apresentações artísticas um caderno quase

em branco com a seguinte provocação: “Proto-colo: daremos colo ao que vivemos no Fórum”, colo - levar nos braços com carinho, apoiar nas pernas, acolher.

No contexto de um fórum brechtiano, era evidente a alusão ao protocolo como instrumento de avaliação instaurado por Bertolt Brecht, fazendo um jogo de palavras ao estilo de Cecília Vicuña, artista Chilena, e seus *Palavrrarmas*<sup>5</sup>. Para Marcelo Gianini, em sua percepção no jogo de palavras: o primeiro colo.

Além do cabaré, escritas também foram feitas no caderno durante a viagem de ônibus para o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, no derradeiro dia do fórum.

### Ato/Acto performativo

Domingo, 03 de dezembro: visita à Serra da Barriga. Chegada às 11 horas sob um calor intenso depois de subir uma ladeira à beira da montanha, com a força do lugar envolvendo a todos e todas desde o início. O professor Daniel Luiz Marques, coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UFAL (NEABI), levou o grupo por um trajeto de conhecimento dos aspectos do Quilombo dos Palmares, explicitou a importância deste lugar de memória para a luta afro brasileira e indígena. Cacau, contadora de histórias negra, mãe de santo, contou a história da orixá Nanã. “*Sou de Nanã euá, euá, euá, ê*”.

Depois o grupo foi convidado a descer para as margens de uma lagoa sagrada, onde um mestre de capoeira puxou um canto e pediu para que, quem quisesse, fizesse presente, pelo chamado do nome, aos seus seres amados que partiram. Muitos nomes surgiram, vozes quebradas, sorrisos, lágrimas, nó na garganta.

Unir os mortos de hoje aos mortos caídos na luta, na luta da capoeira, na luta dos quilombos, das causas sociais, das resistências, sabe-los vivos nas memórias de quem ainda está aqui. Com esse clima solene de quem recorda de quem se foi, iniciou-se o último ato da proposta de tecer o rio: entregar o poema rio para a água e, assim, reverenciá-la.

Tati narrou o conto da *Abuela Grillo*, uma lenda guarani contada em espanhol, que conta a história de uma avó que ia de aldeia em aldeia levando a chuva com

---

<sup>5</sup> Tradução: Palavrrarmais.

seu canto. A lenda conta como ela teve que fugir das grandes empresas que queriam se apropriar de sua força e engarrafar seu canto. Seguindo o canto de Tati, o grupo cantou junto a música da água sagrada em *quechua, lengua indígena andina*: “*Ch’illchi, ch’illchi paritay, Ch’illchi mullaypuni, ch’illchi paritay. Suave, suave, lluviecita. Siempre llueveme, suave lluviecita.*”

Com o tecido azul e o poema nas mãos, cada um segurando uma das pontas, Lígia leu a sua versão do poema *Se eu fosse eu*:

...Se eu fosse eu  
não teria sapatos  
andaria na rua com panos leves sem roupas de baixo  
subiria em árvores e viveria perto de um rio  
um rio onde eu pudesse mergulhar todo começo de dia  
todo fim de dia...

Em volta do pano-poema-rio cada um e cada uma foi convidado a falar de forma breve o que faria se pudesse *ser eu*. “*falaria em línguas, nunca mais usaria sapatos, dançaria mais, correria menos, moraria mais perto do mar*”. O poema, canto, as palavras foram simbolicamente entregues ao lago em um gesto coletivo de lançar o poema tecido ao lago enquanto cantava-se: “*Sou de Nanã euá, euá, euá, é*”.

Silêncio.  
Escuta.  
Respiração.  
Até os pássaros fizeram silêncio.  
Reverenciar a água sagrada do Quilombo.

Figura 4 - Registro: Will Oliveira/Whashington da Anunciação





Já na despedida, um dos alunos da UFAL que participou das três etapas descritas acima se aproximou das pesquisadoras: “Posso falar com vocês? Queria agradecer, porque com vocês aprendi que posso dividir as minhas dores com os outros e que não preciso passar por tudo sozinho.”

Escreva com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como musicistas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as reveladoras da verdade, com pena e tocha. Escreva com suas línguas de fogo. Não deixe a tinta coagular em sua caneta. Não deixe o censor apagar a chama, nem a zombaria abafar sua voz. Ponha tudo de si no papel.

Não estamos em paz com os opressores que afiam seu uivo em nossa dor. Não estamos em paz. Encontre a musa dentro de você, traga-a à superfície. Não a simule, não a venda por uma salva de palmas ou por seu nome na capa (Anzaldúa, 2021, p. 61).

## Conclusões

Ainda no processo de desenhar a proposta de Tecer o rio durante o Fórum Brecht, durante uma reunião com Marcelo Gianini para alinhar o desenho da oficina com a proposta do Fórum, surgiu a seguinte inquietude em forma de metáfora:

Nos espaços artísticos, acadêmicos ou militantes como um fórum, uma assembleia, um seminário ou um festival, existem, ao menos, dois modos de se colocar os nossos corpos nestes espaços. O primeiro, no qual estas pesquisadoras não acreditam, é frequentar esses lugares com nossas verdades únicas, como quem leva a passear seu mascote dando uma volta na quadra. Quantas vezes e quantas pessoas não se colocam em espaços de intercâmbio com seus bichos-verdades? No entanto voltam para casa sem que estes bichos sejam modificados, sem assistir a nenhum diálogo, em seguida escrevem com os corpos, com a presença e o modo de ocupar os espaços, com as verdades fechadas, ouvidos tapados, questões resolvidas.

Na lógica da produtividade acadêmica, nem mesmo as pesquisadoras que escrevem este texto, trazendo estas provocações, estão ilesas de irem por este caminho.

Em oposição a esta forma, encontra-se a segunda possibilidade: a de frequentar este tipo de encontro com abertura para o surgimento de novas



questões, dúvidas e abismos. Na concepção de caminhar entendida através da palavra em aymara *SARNAQAWI*, que significa caminhar ou viajar e ao mesmo tempo é uma metáfora do viver como nos diz Silvia Rivera Cusicanqui (2018).

É um colocar-se em jogo com a pesquisa, as teorias, os pensamentos e pensadores, nos espaços em que se propõe expô-la permitindo que ela esteja viva, em relação com a vida em si - acontecendo. É uma defesa do afeto (do afetar-se) a que a radicalidade de Paulo Freire nos evoca:

Gostaria já agora de insistir na minha recusa a certo tipo de crítica de natureza cientificista que, no mínimo, sugere ausência de rigor na maneira como discuto os problemas e na linguagem, ou na sintaxe “demasiado” afetiva que uso. A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminui em nada o compromisso com que *denuncio* ou *anuncio*. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho parte de mim esquemática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos, e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também (Freire, 2021, p. 28).

Tecer o rio lembrando o trabalho das ancestrais tecelãs que consideraram e continuam a considerar a tecelagem feita como parte do seu próprio corpo, ou como um ser vivido em si (Denise Arnold y Elvira Espejo, 2013). Un Yanak Uywaña: Criação Mútua das artes explicado por Elvira Espejo (2022), em que o fazer artesanal dos tecidos recorda a possibilidade de criar mutuamente, participando de um exercício coletivo de dar e receber, de reciprocidade como ética de vida.

No processo do Fórum ficou evidente a presença do exercício da memória curta e longa. O crime ambiental que está impresso nos corpos dos estudantes, nas ruas de sua cidade e na tristeza de seus bairros fantasmas. O medo relacionado à água, que busca a cura, a generosidade daqueles corpos em dançar a água, apesar da dor.

E a longa memória das heranças ancestrais negras, indígenas, quilombolas, dessa tessitura de saberes que convoca, que traz saúde e que ao mesmo tempo sustenta a cada um para construir o caminho que traçamos, aquele que sonhamos que virá.

Por fim, um outro conceito de metáfora se aproxima do desenho desta



experiência: *Jiwasa*, que em aymara significa um *nós* inclusivo - envolve todos os seres da natureza. Quando escutado com ouvidos brasileiros, a palavra lembra rio, *riowasa*. Tecer um rio que é coletivo, que vai além de quem está no Fórum, além da academia, mas da qual ela também faz parte.

## Referências

ANZALDÚA, Glória. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ARNOLD, Denise; ESPEJO, Elvira. *El textil tridimensional: la naturaleza del tejido como objeto y como sujeto*. La Paz: Fundación Albó, Fundación Interamericana e Instituto de Lengua y Cultura Aymara, 2013.

ESPEJO, Elvira. *Yanak uywaña: la crianza mutua de las artes*. La Paz: PCP, 2022.

FREIRE, Paulo. *A sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LONGANO, Anna Carolina; ANJOS, Kátia Silva Sousa dos; SILVEIRA, Marília Balbi; VELARDI, Marília, MATSUO, Renata; NOGUEIRA, Isabel e O' KEEFE. *Se eu fosse eu/If I Were Me*. Youtube, 05 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kdeteXDML7k>

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'ixi es posible: Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires : Tinta Limón, 2020.

VELARDI, Marília. Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. *MORINGA-Artes do Espetáculo*, v. 9, n. 1, 2018.

VICUÑA, Cecília. *Palavramais*. Medusa: São Paulo, 2017.

Recebido em: 04/03/2025  
Aprovado em: 22/03/2025